

Apeadeiros públicos em total abandono

N. 29/5/82

• Romos e Camionagem de Moçambique fogem à responsabilidade

por Arnaldo Simão

Cerca de cinco dezenas de apeadeiros, outrora bem conservados e com um guarda para cada um, estão hoje à mercê de abandono total, segundo pôde apurar a nossa reportagem numa digressão efectuada há dias a Inhambane, na sequência de denúncias enviadas à nossa secção Cartas dos Leitores

De acordo com o Director-Geral da Empresa Rodoviária Moçambique Sul, E.E., Gaspar Buque, os apeadeiros teriam passado para a responsabilidade da Camionagem de Moçambique, ex-Vicar, por orientações da ex-Comissão Coordenadora de Transportes Rodoviários, quando da criação das infra-estruturas de transportes de carga em 1979.

Houve orientações para passar as cargas e os apeadeiros para a Camionagem de Moçambique, inclusive os guardas. Devido a problemas financeiros, esta empresa de cargas, aceitou apenas o transporte de cargas e não os guardas, pelo que tivemos de recolhê-los, frisou Gaspar Buque, que entretanto adiantou o seguinte: Dada esta situação, alguns dos guardas foram afectos à nossa sede e delegações enquanto que por outro lado uns preferiram ser desafectados, por se encontrarem longe dos seus familiares.

Por outro lado, a Camionagem de Moçambique, na pessoa do seu responsável Venâncio Mazivele, disse-nos: Houve aqui más interpretações. Nas orientações emanadas pela ex-Comissão Coordenadora de Transportes Rodoviários ficou definido que a ROMOS passaria para esta empresa cargas em si, e alguns apeadeiros de interesse estratégico (Zavala, Lindaia) (que já fechou), Inharrime, Inhambane e Maxixe. Fizemos um levantamento

dos movimentos de cargas e concluiu-se que a maior parte dos apeadeiros não justificava a presença de guardas, pois não haveria expressão de trabalho naqueles homens. É a ROMOS que deve velar pelos apeadeiros por causa dos passageiros.

Dois depoimentos em que cada um defende os seus interesses com base nas orientações traçadas. A verdade porém é esta: dezenas e dezenas de passageiros, senão centenas, concentram-se, em condições precárias, ao longo da Estrada Nacional n.º 1, à espera de transportes quando todos nós sabemos as insuficiências de transporte existente.

O QUE VIMOS

Desde a limpeza à conservação daquele património tudo é abandono. Sujidade (uma verdadeira imundície). Apeadeiros a confundirem-se com a mata (pois o capim fez o favor de tomar conta dos mesmos), portas arrancadas, algumas transformadas em moradias de condutores e ajudantes (caso concreto de Malahissa) e uma outra (em Matimbe) transformada em pastelaria.

Nas províncias de Gaza e Inhambane, apesar da iniciativa criadora das populações, que construíram abrigos com material local (estacas, canho e folhas de palmeira), iniciativa que é de

louvar, esses abrigos nunca mais foram reconstruídos.

Em algumas zonas, devido às carreiras de zona, a ROMOS para assinalar as paragens, pôs ali marcos com as suas iniciais que, entretanto, estão ameaçados de desaparecer engolidos pelo capim, se nunca mais se pensar em fazer limpezas em volta deles.

O QUE OS PASSAGEIROS DIZEM

Ao longo deste trajecto, num percurso de 580 km sensivelmente, muitos foram os passageiros (quer nos autocarros ou nas paragens) que não deixaram de lamentar esta triste sorte dos apeadeiros que, há tempos serviam os passageiros no despacho de suas encomendas ou bagagens, e lhes permitiam abrigarem-se de uma eventual intempérie ou mesmo na espera de transporte.

Foram muitos os depoimentos que a nossa reportagem registou: António Facitela, em Guilundo, Marta Fembane apoiar o do camponês Francisco em Nhancundela, Rassí Folege na Mutamba, e todos foram unânimes em apoiar o do camponês Francisco Nhantumbo que frisou o seguinte: Isto é falta de respeito para com os passageiros. Não se justifica esta acção da parte da ROMOS. Todos sabemos que o transporte é ainda insufi-

ciente que temos de o admitir nesta arrancada do nosso desenvolvimento. Mas quem é que terá de ser o promotor desse desenvolvimento, não será o homem? Esse que viaja nos autocarros da ROMOS?

Francisco Nhantumbo tem toda a razão. Com os seus 50 anos, soube bem interpretar a crise de transportes e o desrespeito para com os passageiros.

POSTOS DE TRABALHO FECHADOS

Como disse Eugénio Guilliche, que em tempos foi guarda do apeadeiro de Magumbela, em Inhambane, cerca de um mês e com o vencimento de 1500\$00, em 1974. Esta situação poderia ser sanada com a admissão de novos guardas, entre os que ficaram junto desses apeadeiros. São muitos que se deslocam à cidade de Maputo à procura de empregos, passando muitos deles a viverem da bandidagem quando poderiam ser aproveitados.

Eugénio Guilliche é hoje fiscal da ROMOS com o vencimento de 6000,00 MT. É casado, tem 5 filhos. Sua observação é de destacar.

Não foram realmente postos de emprego fechados? No nosso País o desemprego é ainda notório. Porque não se aproveita esta ideia?

Antes criarmos empregos do que destruir, por abandono de parte do nosso património, sem se esperar pela Ofensiva.